

Editorial

Trocando a cartilha

Com uma das economias mais sólidas e dinâmicas do planeta o Brasil apresenta indicadores sociais dignos de países absolutamente pobres. Esta contradição vergonhosa só será resolvida com o avanço de nosso processo de desenvolvimento a partir de uma nova ótica que não aquela do modelo concentrador de riquezas. Este diagnóstico, um pouco mais um pouco menos, é feito por partidos políticos e correntes de economistas que vão desde a direita até a esquerda. Trata-se de um mapa geral, e mais que isso: uma obviedade. Como passaremos de capitalistas dependentes e arcaicos a independentes e modernos?

Abordando apenas uma das vertentes possíveis, cabe avaliar a necessidade de industrialização, de otimização dos processos produtivos nacionais. Mesmo em meio a uma violenta recessão, a economia brasileira está longe de se estagnar, tal a sua força, tal o seu volume. Parece que vivemos uma crise crônica, que não se lembra quando começou e não se sabe quando acabará. Nosso motor econômico, ainda assim, ronca. Industrializar é a palavra de ordem. Mais que apelo político-eleitoral, a implantação de novas indústrias é uma necessidade para o País, sabidamente em desenvolvimento. Indústrias impulsionam a atividade econômica, gerando lucros, impostos e empregos.

Cabe-nos discutir, porém, que processo de industrialização podemos desenvolver em um município com as características que apresenta Campo Largo. Nosso parque industrial encontra-se praticamente estagnado há mais de duas décadas, quando encerrou-se o ciclo dos grandes investimentos. O bom senso indica hoje a necessidade de se diversificar a economia, viabilizando empreendimentos alternativos, de médio e pequeno porte. Vivemos no presente momento o drama social do desemprego, fruto da recessão e da falta de diversificação econômica. A reversão deste quadro implica em uma revisão geral de conceitos, de princípios e de algumas verdades até aqui "sagradas".

O pequeno e o médio empreendimento tem o condão de melhor distribuir a renda. É fato reconhecido que um conjunto de pequenas e médias indústrias geram melhores resultados sociais que uma grande empresa de peso equivalente. Esta nova mentalidade aos poucos vai se firmando, ganhando espaços e suplantando antigas fórmulas por demais malélicas para a sociedade. É preciso combater o desemprego, estimular novos negócios, apoiar iniciativas inovadoras. A esta tarefa são convocados os investidores e as autoridades públicas. Campo Largo precisa ampliar sua base de atividade industrial, revitalizar sua economia e gerar mais empregos. É tempo de reagir e construir um Brasil melhor para todos.

Frases

"Vai ser uma boa, porque vou poder fazer campanha sem precisar sair de casa". Do deputado estadual (PMDB) Carlos Simões, sobre o projeto que permite aos radialistas candidatos continuarem com seus programas no ar em vésperas de eleições.

Líderes somos nós, deputados, que temos mandato". Deputado Ademar Traiano, sobre a liderança de seu partido, o PRN, no Paraná.

"Todo político tem de escolher seu inimigo. Escolhi o Quêrcia. Minha briga com o Zé Eduardo é só divertimento". Governador Roberto Requião.

É sempre assim. A crise acaba arrebatando do lado dos mais fracos". Edson Luiz Magaton, desempregado, sobre a situação do País.

Eu vi a foto do rapaz, e pela cara dele acho que é inocente". Ex-governador Paulo Pimentel, comentando o julgamento do paranaense acusado de esturpar uma criança de 4 anos, nos EUA, no programa de sua televisão, que resolveu assumir sozinho depois de despedir todos os funcionários do departamento de jornalismo, que estavam em greve.

EXPEDIENTE O METROPOLITANO

Rua Xavier da Silva, 1044 - Centro CEP 83.600 - Campo Largo - PR
Publicação da Gráfica Editora Campo Largo Ltda.
Diretor: Haroldo Wohl
Jornalista Responsável: Paulo Pedron (MTB nº 2539)
Editorial: Imprensa S/C Ltda.
Diagramação, composição e arte-final: Supermídia Departamento Comercial
Telefones: 292-2576 e 292-3293
Os artigos e opiniões publicadas neste jornal são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião de seus editores.

Curso técnico para construir a sonhada Escola de Cerâmica

Muito já se falou em Campo Largo sobre a necessidade de o município contar com uma escola de formação de mão-de-obra para o seu pólo de produção cerâmica. Há de parte da administração municipal a intenção de concretizar a Escola da Cerâmica, envolvendo a participação das empresas da área e do Senai. Por incrível que pareça, na prática, esta escola já existe. Não exatamente como muitos a idealizam, mas como ela foi capaz de acontecer. Desde o início deste ano duas turmas noturnas, com 74 alunos, fazem parte do Curso Técnico de Cerâmica, segundo grau profissionalizante, no Colégio Estadual Djalma Marinho, no bairro do Itaipu, reconhecido inclusive pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea). O curso está sendo implantado gradativamente e deve formar sua primeira turma em quatro anos.

Fazendo acontecer
A professora Alice Padilha de Oliveira, diretora da escola, é praticamente a responsável pela implantação do curso. "Já existia uma intenção da Secretaria de Estado da Educação em criar o curso - explica ela - então foi só correr atrás para viabilizar a ideia". A iniciativa é a única do Paraná, sendo que o curso é o terceiro do País, com os outros funcionando em Santa Catarina e no interior de São Paulo. Para definir a grade curricular do curso, seu projeto didático-pedagógico, Alice procurou conhecer as experiências de quem atua na área e também participou de alguns seminários. "Como estamos apenas começando - diz a professora - o currículo está adaptado às condições que a escola oferece. Estamos começando humildemente, mas o curso já é uma realidade, algo concreto".

Curriculo específico
Ao concluir o curso, o aluno será um técnico especializado em cerâmica, em olaria, na indústria do cal e do cimento, em indústria de vidro e em metalurgia. Para isso, o currículo abrange, nos quatro anos, as seguintes disciplinas específicas: Química Aplicada, Física Aplicada, Materiais, Controle de Qualidade, Higiene e Segurança



Pouco antes da visita à Incepa, os alunos agrupados em frente à empresa: conhecimento prático.

do Trabalho, Relações Humanas no Trabalho, Desenho Industrial e Inglês Técnico; além das matérias tradicionais do segundo grau: Português, Matemática, Geografia, História, Química, Física, Desenho Técnico, Educação Física, Geologia/Mineralogia, Processos de Fabricação e Biologia. Na opinião do professor José Ailton Vidal Júnior, ele mesmo experiente profissional da área de louça e cerâmica, esta grade curricular é suficiente para produzir mão-de-obra especializada.

O mercado de trabalho
O curso da escola Djalma Marinho vem preencher uma lacuna e resolver em parte o problema enfrentado pelas empresas que irão absorver os futuros profissionais. Para se ter uma ideia, um funcionário especializado em determinado setor de produção, com dez ou mais anos de experiência, tem uma visão parcial do processo de produção, explica Vidal Júnior. Por outro lado, "uma pessoa que tenha passado pelo curso, terá condições de compreender toda a linha de produção, ter uma visão global da fábrica, o que hoje só acontece com funcionários da área de engenharia", conclui Vidal. O curso inclui, no 3º e 4º anos, um estágio de 420 horas em empresas do setor, segundo

convênios já firmados entre a direção da escola e das empresas, "preparando ainda mais nossos alunos", diz Alice.

Dificuldades a superar
Um problema sério enfrentando pelo Curso Técnico de Cerâmica é a falta de um laboratório na escola. Este primeiro ano a dificuldade está sendo contornada, já que as matérias não exigem atividade em laboratório. "Para o ano que vem nós vamos batalhar pela instalação de um laboratório completo - diz a diretora do Djalma Marinho - tanto junto à Secretaria da Educação como junto às empresas do ramo, pois precisamos também de um forno elétrico. Outro problema é a ausência de bibliografia em português. "Tudo o que temos conseguido utilizar é através de traduções", reclama a professora. Ela pensa ainda em ampliar o universo dos alunos e educadores através da promoção de intercâmbio constante entre as outras escolas similares", o que poderia ser muito proveitoso em termos de troca de experiência para todos", conclui.

O sonho e o possível
Segundo sempre se imaginou, a pretendida Escola de Cerâmica seria uma minifábrica, uma unidade de aprendizado que reproduziria as várias eta-

pas do processo produtivo, formando mão-de-obra para setores específicos. "Eu acho - diz a professora Alice - que no futuro é bem provável que o nosso curso e a escola venham a se fundir, pois quando estivermos formando os primeiros profissionais a Escola de Cerâmica vai estar apenas engatinhando". Ela sabe que os custos para a implantação da mini-fábrica são muitos, e esclarece que a formação que o curso da escola Djalma Marinho oferece tem mais gabarito técnico. "Hoje - diz ela - temos alunos que já fizeram o segundo grau e que cursam apenas as matérias específicas, buscando uma especialização". O sonho começa a se tornar realidade.

Visita à Incepa
No sábado, dia 6 de julho, nossa reportagem acompanhou uma visita de quatro horas que os alunos do Curso Técnico em Cerâmica fizeram às instalações industriais da Incepa, acompanhados da professora Alice Padilha de Oliveira, da vice-diretora Olga Machado e ainda dos professores Magnus Cezar Marthaus e José Ailton Vidal Júnior. A visita é uma atividade curricular, em que os estudantes podem ter um contato mais direto com os processos produtivos que estudam, preparando-os para um melhor aproveitamento das matérias e do curso em si.



Vatapá

Sinais mais ou menos claros indicam que o prefeito Afonso Guimarães se mostra inclinado a uma filiação ao PTB. É esperar e ver.

Mais dois nomes que as rodas de bate-papo político consagram para a galéria dos preferíveis: Luis Andreassa (PDS), o atual vice, e Afílio Gionedis (PFL).

Dizia um velho político nordestino que "em política até burro voa". Realmente, pelas possibilidades de coligações e alianças que se esboçam nos bastidores não dá para duvidar de mais nada. Articulamos as composições as mais estranhas possíveis, algumas até impensáveis, preparando-se as sotas de letreirinhas para a eleição municipal.

Neste quadro se insere a revoadada de nomes de um partido para outro. É a dança dos candidatos.

Boa ideia essa de se realizar aqui uma Feira Nacional da Louça e Cerâmica. É preciso que o projeto se concretize.

Ainda de leve, o comércio local começa a sentir uma recuperação em suas vendas.

A bruxa anda solta. O que tem acontecido de acidentes na parte mais central da cidade é impressionante. Será que o campo-larguense é uma motorista tão descuidada assim?

Por falar em incremento do comércio, a movimentação dos Jogos Escolares do Paraná ajudou um bocado, fazendo aumentar o giro de dinheiro no comércio da cidade.

Por outro lado, a movimentação dos jogos deixou evidente nossa carência de hotéis.

A Prefeitura Municipal começa a anunciar a realização de obras de pavimentação com recursos do Governo do Estado, do Programa Estadual de Desenvolvimento Econômico (Pedu).

O presidente da Câmara pode receber a verba de representação e dividi-la com outros vereadores? Segundo um assíduo frequentador do Legislativo local, tal prática pode ser legal, "mas é imoral".

Ainda da Câmara, espera-se que venha a público a informação que a bancada do PRN obteve sobre o concurso público recentemente realizado pela Col.

Empresários locais podem estar próximos de um verdadeiro "negócio das arábias".

É que a Associação Comercial e Industrial recebeu do governo de Riad (Arábia Saudita), pedido de informações sobre possíveis fornecedores de xicaras, pratos e canecos.

Tem gente já se mexendo, visando exportar para o Oriente Médio.

A tal da propaganda pessoal do administrador público não está proibida pela Constituição?

Afonso Portugal Guimarães é nome sempre presente, bastante legível, em placas da Prefeitura de Campo Largo.

Perfil

Bide diz que estimula lançamento de "nome novo" para a Prefeitura

Alcibides Spréa, o "Bide", tem um currículo político-administrativo invejável: presidente municipal do PMDB de 83 a 87, antes disso presidente da Cocal de 69 a 76 e novamente depois de 82 a 86, ex-candidato a prefeito por seu partido em 88 e hoje o único homem de Campo Largo no governo de Requião, de quem foi o coordenador de campanha a nível da Região Metropolitana. Convidado pelo governador, Bide Spréa responde, desde o início da atual gestão pelo Departamento Estadual de Transporte Oficial, o "Deto", organismo vinculado à Secretaria da Administração e que responde pela frota de veículos do Estado.



Bide Spréa: "Não digo que sou candidato, mas pretendo todo mundo tem."

que não é uma administração primorosa, mas agrada a certos setores, o que é bastante normal". Na sua opinião o prefeito "deve estar sentindo a crise", e argumenta que os dados oficiais mostram que a arrecadação municipal não tem crescido proporcionalmente igual aos últimos anos, o que cria problemas para o administrador. "Certamente - diz Bide - não é a melhor administração da Região Metropolitana, mas está sendo uma administração que eu considero dentro da medida do possível".

O Trabalho no Deto
O Deto tem como função principal "a administração centralizada dos serviços de transporte oficial de pessoas e de objetos de interesse do governo", explica Bide, acrescentando ainda que o departamento que dirige é o responsável pela Central de Transportes, que atende todas as Secretarias de Governo, controla o serviço de malote, bem como toda a frota estadual, que é de 11.500 veículos e o consumo de combustível, além de se responsabilizar pela manutenção e pela realização de licitação de novos veículos. Alcibides Spréa é o diretor do Departamento Estadual de Transporte Oficial, auxiliado por coordenadoras técnicas e de apoio, com uma estrutura funcional de 120 pessoas.

"Vontade de acertar"

Na opinião de Bide Spréa, o Governo Estadual se encontra ainda em "fase de entrosamento", mas ele acredita que está indo bem: "apesar de ser uma primeira fase, as pesquisas mostram que o governo vai bem, atendendo as prioridades como a saúde, a educação e segurança e daqui a pouco a habitação", diz. A administração de Requião ainda não deslanchou, conforme Bide, "porque esse não é o momento, pois vivemos uma crise econômica e o Requião está gerenciando um orçamento que não foi feito em seu governo. O governo deve deslanchar a partir do ano que vem. E o importante é que é um governo com muita vontade de acertar. Eu estou no governo porque acredito no governo". Acredito em Requião até a Presidência da República".

"Na medida do possível"
Analisando a administração do prefeito Afonso Portugal Guimarães, Spréa afirma: "é certo

que não é uma administração primorosa, mas agrada a certos setores, o que é bastante normal". Na sua opinião o prefeito "deve estar sentindo a crise", e argumenta que os dados oficiais mostram que a arrecadação municipal não tem crescido proporcionalmente igual aos últimos anos, o que cria problemas para o administrador. "Certamente - diz Bide - não é a melhor administração da Região Metropolitana, mas está sendo uma administração que eu considero dentro da medida do possível".

Ainda não é ideal
Auxiliado pela esposa, Valdir vende salgadinhos fritos na hora, café, refrigerantes e doces, "e às vezes ainda faço um biscoito de garçom - conta - já que o movimento não é dos melhores". Ele explica que investiu tudo o que conseguiu reunir para construir a pastelaria na frente do terreno onde tem uma casa, "mas depois de tudo pronto não me sobrou mais nada para investir". Com sua profissão anterior Valdir tinha o que considerava "um salário razoável" e hoje, "o que eu estou tirando está quase chegando ao que eu ganhava como empregado". Ele não está satisfeito, mas "com sacrifício vamos chegando lá. O importante é que estou no que é meu. Aqui eu vejo futuro", avalia. Sua visão de mundo é bastante realista: "a gente tem que lutar, não pode desmover". Sua situação não é das piores, mas ele não faz nem ideia de como estão os que foram demitidos na mesma época; "sei que foram bastante, mas como eles se viraram a gente não sabe".

Colaborando no Governo

Casado com dona Ana Marilu é pai de Marcelo e Sandra, o primeiro cargo de Bide Spréa no governo foi na Coordenadoria de Obras de Infra-Estrutura da Secretaria do Desenvolvimento Urbano, quando o então vice-governador Ary Queiroz respondeu por aquela pasta, coordenando o lançamento do projeto de saneamento rural, com micro-pços, que apenas agora está efetivamente em execução. Ele foi ainda diretor administrativo e financeiro da Comec em 89.



ESCRITÓRIO DE ADVOGACIA

R. Xavier da Silva, 1.208 - Fone: 292-3126
Campo Largo - PR

Como fazer para superar o desemprego?

Segundo estimativas da Associação Comercial e Industrial, Campo Largo tinha no início deste ano um contingente de aproximadamente sete mil desempregados. Se o município tem uma população em torno de cem mil habitantes, fica evidente que o número de vítimas do desemprego é bastante significativo em relação a população economicamente ativa. A extensão do drama social é preocupante, já que em tese cada um desses desempregados é um pai de família responsável por, no mínimo, outras duas pessoas. Como estão vivendo estes demitidos? É certo que muitos conseguiram uma outra colocação no mercado de trabalho, verificando-se uma acentuada migração de mão-de-obra para Curitiba e outras cidades da Região Metropolitana. Outros partiram para iniciativas próprias, tentando a sorte em pequenos negócios. E ainda outros não tiveram alternativa senão o sub-emprego, o famoso "bico". Pelo que se pode imaginar, são muitos também os que não conseguiram nada e se encontram na "rua da amargura".

Cada uma das experiências tem suas particularidades. Cada um dos demitidos em meio à recessão econômica procurou seu próprio caminho. Para este trabalho ouvimos três pessoas que passaram pela experiência de enfrentar o desemprego, a insegurança de manutenção da família: Valdir de Oliveira, Edson Luiz Magaton e Luiz Fernando Ramos. Histórias de vida diferentes, soluções idênticas. Nos três casos as dificuldades foram contornadas, mas os problemas gerados pela perda do posto de trabalho não foram resolvidos. Já em outro momento, eles avaliaram a situação econômica do País, falam de como estão fazendo para sobreviver e dos planos para o futuro.

Dividindo a culpa
Valdir tem uma visão bastante peculiar da crise. Ele considera que a "culpa" pela crise "deve ser repartida por três". Seu entendimento é que os responsáveis pela crise são o governo, as empresas e os próprios trabalhadores. "Tem pessoa que não pensa no dia de amanhã - diz - quem é empregado nunca pode dizer que está bem. A qualquer momento, como aconteceu com a gente, pode dançar". Para Valdir quem trabalha deve buscar um meio de economizar o máximo possível, "sempre pensando em melhorar". Voltar a trabalhar como assalariado, nem pensar: "já certo que eu tô começando ainda e não sei bem o que vem aí pela frente, mas vou lutar muito pra não precisar voltar a trabalhar em firma". Valdir está otimista com sua pastelaria e espera que os negócios possam melhorar: "hoje o povo tá tudo sem dinheiro, ainda mais aqui, que é uma vila de pessoal pobre", afirma.

Estimulando à demissão
Luiz Fernando Ramos, 42 anos, casado e pai de três filhos, foi funcionário da Incepa durante 11 anos (de 79 a 90), onde entrou como servente e saiu como controlador de qualidade. Em meio à crise econômica do final do ano passado, a empresa estava estimulando seus funcionários a pedir demissão: "eles ofereciam um salário extra para quem pedisse a conta e ainda faziam o acerto numa boa. Eu aceitei porque todo mundo tinha medo de entrar direto na lista de demissão e perder aquele salário "a mais", explica. Como não tinha outra profissão, Luiz Fernando reuniu "a ideia de por um comércinho" e o dinheiro recebido da empresa e resolveu comprar um carrinho de cachorro quente para trabalhar por conta própria.

Desde o último mês de abril ele faz ponto na rua Ademar de Barros, ao lado da loja Polvi. "Com o que eu tiro aqui até que dá para viver - diz - mas o duro é que aqui a gente não vê um futuro melhor".

Governo liberou
Luiz Fernando conta que logo que se iniciou no ramo "dava melhor" e que hoje o pre-



Valdir de Oliveira: "Aqui eu tô no que é meu e vejo um futuro."



Edson Luiz Magaton: "Minha intenção é voltar pra fábrica e manter o bico de pintura."

co que cobra por cada cachorro quente (150 cruzeiros) está defasado. "Quando eu fui para entrar, falei com outros vendidos e eles foram bacana, me deram uma mão. Mas hoje, a gente paga, 970 cruzeiros no quilo da vira que em abril custava 550, e a gente não aumenta o preço do lanche com medo de deixar de vender", conta ele, acrescentando, "o governo veio, liberou tudo e ficou ruim pra gente". Ele vende em seu ponto uma média de 220 lanches por semana, trabalhando o dia todo, auxiliado pela esposa. A única vantagem que ele vê é que ele mesmo pode ditar o ritmo do trabalho, acreditando que apesar de tudo não compensa trocar sua condição atual por outra qualquer. Ele já foi convidado a voltar como servente na mesma empresa em que trabalhou antes, mas não aceitou: "pelo menos se ainda fosse na mesma posição que estava, eu ia até pensar", diz.

Troca por bom emprego
Desde que o orçamento doméstico apertou, um fato positivo, segundo Luiz Fernando, é que os dois filhos mais velhos começaram a trabalhar e hoje "já estão dando uma mãozinha em casa". Reconhecendo que a crise está afetando a venda de cachorros quentes, Luiz Fernando acredita que a situação pode melhorar a partir de setembro, "quando for liberado o dinheiro que está preso". Embora dê "pra ir levando", ele confessa que se recebesse uma boa proposta de trabalho, "pra ganhar ali uns 200 mil cruzeiros (que é o que eu ganhava como controlador de qualidade) até aceitaria voltar para a fábrica, deixando o carrinho de cachorro quente no ponto, pra mulher ir tocando". Enquanto essa oportunidade não aparece, Luiz Fernando vai levando a vida calmamente, sem grandes problemas mas também sem uma perspectiva de futuro, e se hoje o movimento está fraco, "a gente espera que melhore mais pra frente, quando o Collor liberar os cruzados".

Complicado para receber
Edson Luiz Magaton, 19 anos, casado e pai de uma filha de cinco meses, trabalhou pouco mais de 4 anos (entre 86 e 90) na Germer, como controlador de qualidade. "Sei que quando houve a crise, a gente tinha medo de ficar três, quatro meses sem receber salários e eu acabei fazendo um acordo com a empresa", diz ele. Mas a solução acabou revelando-se complicada: "recebi os meus direitos com atraso e ainda em duas parcelas. Frezei ir ao sindicato e só fui receber através de um acordo feito lá no Ministério do Trabalho", conta. A opção para Edson foi trabalhar de pintor "por conta", junto com um compadre. A nova profissão era totalmente desconhecida, "mas devagar eu fui pegando os macetes e agora eu tô tocando sozinho os serviços que eu pego". O problema é a concorrência nesta área que é grande: "se a gente trabalhasse o mês inteiro ainda dava, mas é muito difícil conseguir pintura pra trabalhar o mês inteiro" conta.

Intenção é voltar
Quando eu consigo trabalhar 15 dias direto, tiro o mesmo que eu ganhava na fábrica, mas tem muita gente por aí fazendo pintura e neste ramo a situação tá ficando difícil", queixa-se Edson, "é que no começo o seguro-desemprego ajudou e agora acabou". Ele entrou na Germer como ceramista e quando saiu era controlador de qualidade, agora, preocupado com a garantia da família, revela disposição de voltar mesmo que seja em um cargo inferior: "minha intenção é de voltar, mesmo que seja na produção, mas pra manter o trabalho de pintura nos intervalos dos turnos", explica. "Eu sei que a empresa está voltando a contratar pessoal. Parece que a crise foi passageira, não conseguiu a quebrar a fábrica, não conseguiu a quebrar o entusiasmo. Para Edson o ideal seria garantir um salário fixo e poder continuar a ganhar mais algum por foram com os extras da pintura. "Pra fazer só isso é complicado... Com a crise apareceu muito pintor".

Solução de longo prazo
Apesar da pouca idade, Edson revela um entendimento bem firmado sobre a situação econômica do País. "Olhe, eu não estou acreditando em melhor hora. Votei no Collor e tudo mais hoje votaria dez vezes no outro", diz descontente. "Pro Brasil é mais fácil ficar do jeito que está do que melhorar", e acrescenta: "não creio que melhore nem com a mudança de governo". O Collor recebeu um rombo mais vai deixar um rombo ainda maior". Para Edson "não é de um dia pro outro que a situação econômica do País vai se normalizar. Isso vai longe, ainda, eu acredito que uns 10 ou 12 anos. Ele entende que as medidas econômicas do atual governo "vieram prejudicar os mais pobres, pois foi em nós aqui de baixo que a crise acabou estourando mais forte", explica. Edson Luiz Magaton mora na rua 4, sem número, no Jardim Euclídia.

Festa Julina 27-07

Início: 20 horas
CAPELA NOSSA SENHORA APARECIDA
Não faltará o delicioso:
Pinhão, queijão, pipoca, bolo, pastel.
ATRAÇÕES: Dança da quadrilha - Cassamento caipira
Comédia: O Caipirão
SUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE

Móveis Campo Largo

SEU LAR MERECE ESTA MARCA.

1961 - 1991
Dormitórios, colchões, salas de jantar, bares, estofados, estantes, cozinhas completas, peças avulsas. Atacado e varejo.
Rod. do Café, KM 25 - Fone (0411) 292-4040
Campo Largo/PR